

Momento do conto

Há raramente lugar no desenvolvimento de uma grande literatura, dizia o velho Brunetière, para todos os gêneros ao mesmo tempo, lei dos paradigmas estéticos (para usar a terminologia de Thomas Kuhn), fartamente comprovada ao longo da história.

Fatos aparentemente inexplicáveis ou fortuitos encontram nisto a demonstração por assim dizer didática: os anos 20 do século passado foram dominados pela poesia modernista, com escandalosa ausência da prosa de ficção, que só reaparece no final da década, inaugurando a "idade do romance" que foram os anos 30; na década seguinte, a poesia e a ficção mantiveram-se por velocidade adquirida, cedendo lugar e interesse ao ensaio crítico e à historiografia, nomeadamente na estante dos chamados estudos brasileiros, página que o programa implícito dos primeiros modernistas havia deixado em branco – até ao aparecimento do Retrato do Brasil, em 1928.

Em tudo isso, é notável a ausência do conto, àquela altura apenas acidental ou incidental, para reaparecer, com a abundância que se conhece, nos anos 60 e 70. Sagarana, em 1946, ficou, seja como estrela solitária, recebido como um prodígio da natureza, seja como recessivo tardio do regionalismo de Valdomiro Silveira, em pleno mais deliberadamente "literário", sem, contudo, desencadear uma nova "Idade do conto", assim como, dez anos depois, Grande Sertão: Veredas tampouco desencadearia uma nova idade do romance. A originalidade de Guimarães Rosa condenou-o a ser um modelo ao mesmo tempo irrepetível e, por isso mesmo, estéril.

Com o romance em clara fase de astenia, o conto voltou a ser o gênero favorito, porque, também em literatura, a natureza tem horror ao vácuo. A retomada, se pensarmos em termos de longa duração, pode se datar dos primeiros livros de Rubem Fonseca, o que nos transporta a uns bons sessenta anos atrás, mas, de qualquer maneira, ele permanece como o grande mestre do nosso conto moderno – mestre, digamos desde logo, a quem pouco ou nada devem os contistas mais recentes, muitos dos quais estão abandonando o realismo ortodoxo em favor de um surrealismo não menos ortodoxo.

Ninguém exemplificaria melhor que Carlos Machado essa mudança de paradigmas (A voz do outro. Rio: 7Letras, 2004), tanto mais significativa quanto se trata de um contista de Curitiba, uma Curitiba que já nada mais tem em comum com a de Dalton Trevisan: "O meu maior prazer na vida ainda é observar as pessoas nas ruas. Herdei esse costume de uma tia que, logo após ter sofrido um sério acidente de carro – quatro anos depois de eu nascer –, ficou impossibilitada de andar e, portanto, não tinha muito o que fazer a não ser ficar sentada em sua cadeira de rodas lendo um livro ou observando as pessoas que passavam em frente à sua varanda".

Entra aqui uma nova paisagem urbana no território literário da cidade: "...conforme fui ficando mais velho,

minha mãe parou de me importunar com essa história e passei, então, a estabelecer observatórios fixos nas praças e ruas mais movimentadas de Curitiba, e um horário [...] São quase trinta anos saindo às ruas religiosamente, quase que todos os dias, às cinco horas da tarde" ("O hoem com um longo bigode"). Não mais os domínios da Ponte Preta ou da praça Tiradentes, mas a cidade da praça Osório e do que representa. O conto "A voz do outro" é uma cena da rua, território predileto desse homo urbanus: "Logo que avistei o aglomerado de pessoas se enroscando umas nas outras para conseguir o melhor ângulo de visão, meu corpo tremeu. Era como se não existisse nada ao meu redor, apenas um vazio e o canto de um pássaro solitário a trinar euforia. [...] Vejo, por um pequeno espaço que a multidão deixa escapar, um homem estirado no asfalto [...]. Leiam o resto, porque a banalidade do cotidiano é, nela mesma, um acontecimento surrealista.

Podemos penetrar no mundo real de Carlos Machado em paralelo com o dos estados de consciência em Ricardo Lísias (Dos nervos. São Paulo: Hedra, 2004): "Quando vi a luz acesa e o portão aberto, estranhamente destrancado para aquela hora da noite, achei que de fato eu estava trabalhando demais. [...] ... minha mãe vivia repetindo, repetindo sem parar, que eu precisava cuidar dos nervos [...]. ... até mesmo antes do começo do meu tratamento, ela dizia, muitas vezes, quase o tempo inteiro, que eu devia prestar muita atenção para não deixar as janelas abertas e a porta escancarada, pois hoje em dia, quase o tempo inteiro, a gente não sabe mais quando um ladrão pode atacar". Isso dá idéia do estilo e do ritmo da narrativa. A protagonista-narradora vive, efetivamente, sob a neurose de um assalto, segundo parece puramente imaginário: "Tentei dormir um pouco pela manhã, mas qualquer barulho me despertava. Duas ou três vezes, pulei da cama e corri até à sala certa de que ele já tinha chegado [...]. Com certeza o médico repetiria que, em uma cidade como a nossa, qualquer coisa é um perigo para uma mulher que vive sozinha".

Em uma cidade como a nossa e em cidades diferentes da nossa estão presentes os homossexuais, temática preponderante nos contos de Jorge Sá Earp (Areias pretas. Rio: 7 Letras, 2004), às vezes na atmosfera emoliente da África: "O Rio Congo e a noite eram uma só mancha escura engolindo os pontinhos luminosos da cidade, que pulsavam. O amigo de Etienne se aproximou da amurada e tentou entabular conversa. Ricardo foi monossilábico [...] deixando o francês rir abobado no terraço, enquanto ele voltava para dentro da boate, pensando em um dia escrever a história de Svetlana, tão logo terminasse seu longo artigo sobre a África Equatorial".

Sendo diplomata, o autor conhece bem o ambiente e os costumes que descreve, os encontros em bares propícios, a facilidade que torna fácil e até espontâneo esse tipo de relações, tudo envolvido numa atmosfera de tristeza e má consciência. Ou, como diz a apresentação do volume: "A matéria-prima de Jorge de Sá Earp são os olhares esquivos, as frases inconclusas, os gestos abortados e as demais senhas da incompletude das relações humanas". É o mundo peculiar do homossexualismo elegante, sem nada em comum com as paradas populistas do chamado "orgulho gay".